

Collor exorta à luta debaixo de chuva

PATRICIA ZAIDAN

A música que se ouve no cinema quando Superman aparece deslizando nos céus serviu de fundo para Fernando Collor de Mello chegar à ribalta quarta-feira, em Belo Horizonte. O candidato do PRN à Presidência parecia tenso e preocupado. E, pela primeira vez em sua maratona inaugurada há nove meses, experimentava o desconforto de estar sozinho. Ele fez seu último comício, três dias antes do histórico 17 de dezembro, sem a companhia dos principais assessores e cabos eleitorais.

Não estavam no palanque o líder do PRN na Câmara, deputado Renan Calheiros, o assessor de imprensa, Cláudio Humberto Rosa e Silva, o deputado Cleto Falcão, a economista Zélia Cardoso de Mello, o irmão Leopoldo e o cientista político Marcos Coimbra. O candidato repetiu a rotina das últimas aparições públicas: beijou a bandeira do Brasil, ergueu os dedos em V, cerrou os punhos e deu murros no ar. Em Brasília, a disputa de poder alimentava os embates travados entre a direita e a esquerda acomodadas na campanha.

Venceu a tese anticomunista pela qual Collor fez opção, contra a vontade dos intelectuais do comitê liderados por Renan Calheiros. Antes do discurso de Collor, o locutor Isve Cavalcanti aquecia o público puxando a palavra de ordem: "Collor de Mello, nem foice nem martelo". A plateia, que havia assistido ao show de Milionário e José Rico e aguardava, debaixo de chuva, a vez da popularíssima dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó, repetiu o refrão.

"Quem acredita em Deus levanta a mão", sugeriu o locutor. "Se vocês acreditam, então não podem colocar na Presidência um homem que não cre em Deus", disse Isve à plateia concentrada na Praça da Rodoviárias.

"Pela chuva que despenca, até que temos um belo público", afirmou em voz alta —

para que Collor o ouvisse — um assessor da vice-governadora Júnia Marise. Se ouviu, o candidato fez de conta que não estava preocupado com tais avaliações. "E o comício de Lula?", quis saber o candidato a vice, senador Itamar Franco. "Quantas pessoas tem?" Com a roupa encharcada, o deputado Raul Belém não soube responder.

As bandeiras agitadas entre guarda-chuvas foram distribuídas pelo comitê de Belo Horizonte. Rapazes, em grupos de três, carregavam as bandeiras enroladas sobre o ombro, como feixes de lenha. O povo disputava os retratos de Collor aos gritos: "Dá-lhe Collor, dá-lhe Collor, olê, olê, olá". Numa ponta da praça, a polícia afastava petistas que berravam o nome de Lula.

A maior emoção foi produzida por luzes, cores e pelo barulho dos fogos de artifício. Dois canhões a laser desenharam o rosto de Collor, luzes coloridas enfeitaram o alto dos edifícios e uma saraivada de fogos saudou o ex-governador de Alagoas.

No palanque, Collor agradeceu ao discurso de Sarah Kubitschek, viúva do presidente Juscelino, "eterna primeira-dama do Brasil". Pela primeira vez na campanha presidencial, abandonou o tom triunfalista e pediu: "Por favor, não recostem a cabeça no travesseiro". Aparentando menos otimismo que em comícios anteriores, advertiu: "A eleição não está ganha e eu quero que vocês se transformem em 20, 50, cem para enfrentar, nas ruas, o adversário". Vinte e dois minutos após sua chegada, o ex-governador dava por encerrado o derradeiro comício que, até às 18 horas, corria risco de cancelamento. O PRN temia reunir pouco público na capital, onde Lula é o favorito. "Ora, comícios", desprezou o assessor Antônio Leopoldino. "O general Eurico Gaspar Dutra, em 1945, não conseguia levar uma pessoa à praça e derrotou o brigadeiro Eduardo Gomes, que era o campeão de multidões".



Euler Cássia/AE

Multidão concentrada, debaixo de chuva, na Praça da Rodoviária, em Belo Horizonte: comício de 22 minutos



Sérgio Amaral/AE

Sarah Kubitschek: discurso emocionado



Euler Cássia/AE

Collor: "Por favor, não recostem a cabeça no travesseiro"